



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
***CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS**
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

SORLEI SILVA E SILVA

UMA LEITURA CRÍTICO – EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as
lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação

Tocantinópolis/TO

2019

SORLEI SILVA E SILVA

UMA LEITURA CRÍTICO – EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as
lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Professor Licenciado em Educação Física, sob orientação do Professor Dr. Mayrhon José Abrantes Farias.

Tocantinópolis /TO

2019

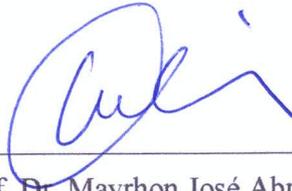
SORLEI SILVA E SILVA

UMA LEITURA CRÍTICO – EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as
lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Professor Licenciado em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Data de Aprovação 01/07/19

Banca examinadora:



Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias

(Orientador – Universidade Federal do Tocantins – UFT)



Prof. Ms. Bruno Fernandes Antunez

(Examinador – Universidade Federal do Tocantins – UFT)



Prof. Esp. Wellington Mota de Sousa

(Examinador – Universidade Federal do Tocantins – UFT)

A meu avô Francisco Vieira (*in memoriam*), um ser humano fantástico.
Homem de caráter. Simples, generoso e honesto.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas graças que tem concedido durante minha jornada no plano terrestre.

Aos meus pais, Célio e Selma, meus exemplos de humanidade. Sou grato pela afeição, e orações que vocês me consagraram por toda minha vida. Obrigado por sempre se fazerem presentes mesmo com a distância.

A minha irmã, Livia, que me apoiou e sempre me fazia dar boas risadas com os memes diários nas mídias sociais.

A todos os meus familiares, Freitas e Vieiras, que torceram por mim durante esta trajetória.

A minha namorada, Emily, pelo seu amor e carinho com minha pessoa. Seu jeito e suas manias fizeram meus dias melhores.

A todos os funcionários da Universidade, meus professores que puderam me acompanhar e oportunizaram a mediação de seus conhecimentos durante esses anos, em especial, ao professor Mayrhon, por todo apoio e disposição ao me orientar nessa monografia fazendo parte de minha formação humana e profissional.

Aos amigos e colegas que me deram o suporte necessário durante a caminhada. Meu muito obrigado, todas as nossas aventuras ficarão marcadas na história.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO. Para tanto, realizamos a pesquisa com pressupostos de uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, com aporte teórico na abordagem crítico-emancipatória, com alunos de 12 a 17 anos, de sexto ano do ensino fundamental. A intervenção foi pautada em um bloco de oito aulas trilhando os pressupostos da abordagem teórico-metodológico crítico-emancipatória. A análise qualitativa dos conteúdos decorreu a partir do cruzamento entre o olhar do pesquisador a contribuição dos alunos e gestores da instituição à luz da literatura. Ao realizar um comparativo entre o que é luta e o que é violência na visão dos educandos, observam-se que os conceitos se perdem e, no final das contas, tornam-se um mesmo evento. De acordo com a evolução das aulas, os alunos passaram a diferenciar as terminologias das palavras luta e violência de acordo com seus significados foi percebido que desde o primeiro contato com o conteúdo lutas, até o momento de culminância do festival, houve de forma concreta o entendimento dos alunos acerca do conteúdo de lutas, em relação às suas diversidades históricas, das normas e valores que este conteúdo tem de enriquecedor para o desenvolvimento dos indivíduos que por eles são subsidiados.

Palavras-chave: Violência. Lutas. Crítico-emancipatória.

ABSTRACT

The present work has as objective to problematize the meanings of the violence in the school through the content fights and of opposition games, with students of the sixth year of the elementary school of a full time teaching institution located in the city of Tocantinópolis - TO. To do so, we carried out the research with assumptions of a qualitative approach, of the research-action type, with theoretical contribution in the critical-emancipatory approach, with students from 12 to 17 years old, from the sixth year of elementary school. The intervention was based on a block of eight classes tracing the assumptions of the critical-emancipatory theoretical-methodological approach. The qualitative analysis of the contents was based on the cross between the look of the researcher and the contribution of the students and managers of the institution in light of the literature. When comparing what is fighting and what is violence in the students' view, it is observed that the concepts are lost and, in the end, they become the same event. According to the evolution of the classes, the students began to differentiate the terminologies of the words fight and violence according to their meanings. It was noticed that from the first contact with the fight content, until the moment of culmination of the festival, there was in concrete form the understanding of the content of struggles, in relation to their historical diversity, of the norms and values that this content has of enriching for the development of the individuals who are subsidized by them.

Keywords: Violence. Fights. Critical-emancipatory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Categorias temáticas emergidas da revisão sistemática.....	16
Figura 1 – Espaços de convivência dos alunos.....	23
Quadro 1 – Bloco de oito aulas interventivas.....	35
Figura 2 – Concepção dos alunos sobre Luta como esporte de combate.....	37
Figura 3 – Concepção dos alunos sobre Luta associada a violência.....	38
Figura 4 – Concepção dos alunos sobre Luta associada a mídia.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números de artigos que apresentam discussões acerca das temáticas violência e agressividade por periódico.....	16
Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências do público masculino de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO.....	33
Tabela 3 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências do público feminino de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO.....	33
Tabela 4 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências de conflitos entre os sexos de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO.....	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	14
2.1	Objetivo Geral	14
2.2	Objetivos Específicos	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1	Violência e Agressividade do público infanto-juvenil: da rua pra escola	17
3.2	Violência e agressividade nas aulas de Educação Física: a luta através dos jogos de oposição como alternativa de intervenção	19
4	METODOLOGIA	22
4.1	Caracterização do estudo	22
4.2	O campo e os sujeitos	23
4.3	Instrumentos utilizados	24
4.4	Procedimentos	25
4.5	Análise de dados	26
4.6	Cuidados éticos	26
4.6.1	Riscos de pesquisa	27
4.6.2	Benefícios de pesquisa.....	27
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
5.1	Os violentos entraves no campo de batalha: o olhar da equipe gestora	28
5.2	Guerreiros a postos: vamos brigar na aula professor?	35
5.2.1	Reconhecendo as diferenças entre luta e violência: afinal, quais as concepções dos alunos acerca destas questões?	36
5.2.2	Quebrando Paradigmas: compreendendo a historicidade da luta e vivenciando os jogos de oposição	40
5.2.3	(Res)significando a prática – os alunos como autores de suas próprias vivências	41
6	CONCLUSÕES	44

REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	48
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT do Gestor.	49
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT do responsável do menor de Idade.	51
APÊNDICE C - Termo de Assentimento do Menor de Idade	53
APÊNDICE D - Carta de Anuência	55

1 INTRODUÇÃO

A violência na escola não é recorrente apenas nos dias atuais. Segundo Abramovay (2002), as manifestações violentas estão arraigadas nas instituições escolares, razão pela qual estão se tornando um grave problema social no mundo ocidental moderno. De acordo com a supracitada autora, o modo de analisar este fenômeno na escola vem mudando conforme as perspectivas sobre tal ganham formas amplas, deixando de ser tratado apenas como uma simples questão de indisciplina, sendo percebida sob uma perspectiva que abarca fenômenos da globalização, tal como as exclusões sociais. Marriel *et al.* (2006) reconhecem que a mídia propaga a configuração do ambiente escolar como um espaço de instituir a aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, mas que também tem proliferado manifestações violentas, dentre estas: brigas, invasões, depredações e até mortes. Logo, percebemos que os alunos se deparam com um cenário introspectivo, conflituoso que pode gerar interferência direta em sua aprendizagem.

No ponto de vista de Bonfim *et al.* (2012) à medida em que se abre espaço para reflexão sobre a cultura do movimento dentro da educação física escolar, observa-se que tal expoente fomenta a integralização dos alunos no espaço em que estão inseridos. À vista disso, as aulas de educação física podem ser utilizadas com o viés de promover vivências que atuem na integração dos alunos, desta forma, conscientizando e ressignificando práticas que possam vir a resultar em violência. Scheriber *et al.* (2005) destacam que a educação física além de desenvolver as capacidades motoras dos alunos, dispõe de uma ampla gama de conteúdos que dão possibilidades reais de transformação pessoal, que se revela como um aspecto fundamental para uma melhor interação social.

Candrea *et al.* (2009) identificam o jogo como uma ferramenta pedagógica importante para lidar com o comportamento agressivo, sendo um meio facilitador para trabalhar esta situação no âmbito escolar. Santos, Oliveira e Cândido (2011) compreendem que a luta como conteúdo da educação física escolar, tem a capacidade de promover vivências interventivas que colaborem na construção da autonomia, criticidade e emancipação, tendo como consequência a edificação de conhecimentos significativos aos alunos.

Em fase exploratória, a partir de observação em uma escola pública Estadual de tempo Integral em Tocantinópolis – TO, identificou-se altos índices de manifestações violentas no ambiente escolar. Com base nessa primeira impressão, despertou-se o interesse em investigar este fenômeno, afim de problematizar este conteúdo a ser explorado na escola. No que se diz respeito à literatura, detectou-se por meio de revisão bibliográfica em oito revistas de

abordagem multitemática na área da educação física, indexadas na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em estudos publicados nos últimos dez anos (2008-2017), um baixo fluxo de produções relacionadas às violências e intervenções pedagógicas acerca destas manifestações no norte do país.

Neste contexto, a possibilidade de abordar este conteúdo através dos jogos de oposição como alternativa pedagógica na escola, mostrou-se relevante para a problematização da violência no contexto em que os indivíduos estavam inseridos, tendo em vista que, ao (re)conhecer e vivenciar novas práticas corporais, a criança também se reconhece e dispõe de novos horizontes de aprendizagem. Por sua vez, haja vista o potencial do jogo, através do brincar a criança se expõe a realidades distintas a que lhe é apresentada no dia a dia. Logo, os momentos que ali são experimentados mostram-se relevantes para contribuir com a formação e a visão do sujeito sobre o mundo.

Com base no excerto anterior, propomos uma pesquisa em uma turma de sexto ano do ensino fundamental em uma escola pública estadual, em tempo integral, na cidade de Tocantinópolis – TO, a fim de problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição. A escolha por esta faixa etária se deu a partir do mapeamento na unidade escolar. Com base neste, constatou-se que as ocorrências na escola são mais evidentes nesta fase de ensino. Vale ressaltar que os alunos passam o dia no ambiente escolar, dispondo do local para manifestar relações de convivência das mais variadas formas, dentre estas, a emergência de conflitos, dispondo, assim, de um campo que não pode ser renunciado, devendo ser refletido em possibilidades interventivas.

Desta maneira, propomos a disseminação das manifestações corporais da luta em sua vez, por meio dos jogos de oposição, considerando as manifestações violentas existentes na escola, como ferramenta para a emancipação dos alunos, proporcionando-os subsídios para reflexões e intervenções por meio deste conteúdo. Acredita-se, com isso, que trabalhar lutas no contexto escolar através dos jogos de oposição pode contribuir diretamente no processo de desenvolvimento integral dos educandos participantes da pesquisa, uma vez que tal conteúdo tem um grande potencial didático-pedagógico na construção do saber, possibilitando uma maior aproximação e conscientização dos alunos acerca das lutas no âmbito escolar, de forma que venha a intervir em sua emancipação crítica e (res)significação das práticas em que estão inseridos.

Deste modo, levando em consideração que a violência vem se proliferando e ganhando forças na comunidade em geral e na escola, estudar e refletir possibilidades interventivas para

mediar esta manifestação corporal no ambiente escolar por meio do conteúdo lutas, através dos jogos de oposição, mostra-se um movimento didático-pedagógico relevante.

A partir do momento em que se tornam evidentes os constantes hábitos violentos nas instituições de ensino e com base nos delineamentos apresentados, abalizaram-se as seguintes problemáticas: quais os significados da violência na escola, problematizada por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, para alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO? Quais as principais características das práticas violentas na escola? Quais Analisar as diferenças entre as lutas e as práticas de violência dos alunos da turma elencada? E como se dará a (res)significação dos saberes em torno dos limites entre o brigar e o lutar em vivências de jogos de oposição?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO.

2.2 Objetivos Específicos

- Mapear as principais características das práticas violentas na escola;
- Analisar as diferenças entre as lutas e as práticas de violência dos alunos da turma elencada;
- (Res)significar saberes em torno dos limites entre o brigar e o lutar em vivências de jogos de oposição.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para elaboração do diálogo neste fragmento do trabalho, identificaram-se por meio de revisão bibliográfica, em oito revistas de abordagem multitemáticas na área da educação física, indexadas na base de dados da CAPES, em estudos publicados nos últimos dez anos (2008-2017), publicações acadêmicas que lidavam com a temática de interesse. Logo, a pesquisa subsidiou parâmetros para identificação de baixos fluxos de produções acerca da temática, abrindo lacunas para estudos afins. A coleta de dados foi realizada junto aos *sites* de cada revista. As revistas analisadas foram: Revista Movimento – UFRGS; Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – USP; Revista Brasileira de Ciência e Movimento – UCB; Revista Pensar a Prática – UFG; Revista *Journal of Physical Education* – UEM; Revista Motrivivência – UFSC e Revista Licere – UFMG.

A revista Movimento é uma publicação científica da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, na atualidade tem periodicidade trimestral e estava indexada como A2 no conceito *Qualis-CAPES* durante a coleta dos dados. A Revista Brasileira de Ciências do Esporte é editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE, tem periodicidade trimestral e situava-se indexada como B1. A Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – RBEFE é uma publicação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo – USP, tem periodicidade trimestral e estava indexada como B1. A Revista Pensar a Prática é um periódico da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás – UFG, tem periodicidade trimestral e estava indexada como B2. A Revista *Journal of Physical Education* é publicada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM, tem periodicidade de publicação contínua e estava indexada como B1 no conceito *Qualis-CAPES*. A Revista Motrivivência é um periódico científico que conta com o apoio do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física do Centro de Desportos – UFSC, tem periodicidade quadrimestral e até o presente momento da pesquisa está indexada como B2. Revista Licere é um periódico editado pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em estudos do lazer – UFMG, tem periodicidade trimestral e está indexada como B2.

A averiguação foi realizada com critério e cautela, as palavras chaves utilizadas para seleção dos artigos foram violência e agressividade. Essas palavras deveriam estar contidas no título do artigo, em seu resumo ou palavra chave. Levando em consideração a análise realizada, a tabela 1 demonstra que a revista Pensar a Prática da UFG teve maior percentual de publicações relacionadas à temática violência e agressividade.

Tabela 1 – Números de artigos que apresentam discussões acerca das temáticas violência e agressividade por periódico

Periódicos	Número de artigos publicados com a temática	Percentual de artigos
Pensar a Prática UFG	8	34,8%
Motrivivência UFSC	3	13,0%
Rev. Brasileira de Ciências do Esporte	3	13,0%
Movimento UFRGS	2	8,7%
Rev. Brasileira de Educação Física e Esporte USP	2	8,7%
<i>Journal of Physical Education UEM</i>	2	8,7%
Licere UFMG	2	8,7%
Rev. Brasileira de ciência e movimento UCB	1	4,3%
TOTAL	23	100,0%

Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

Ao término da inspeção recolheu-se vinte três artigos (23), que foram organizados por áreas temáticas. Diante desta organização houve o surgimento de cinco temas acerca da violência e agressividade em variados espaços-tempo. Levando em consideração a análise realizada, o gráfico 1 demonstra que a categoria temática “Escola/Relações Pessoais” teve maior percentual de publicações relacionadas com o tema violência e agressividade.

Gráfico 1 – Categorias temáticas emergidas da revisão sistemática



Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

De 23 artigos encontrados, na categoria pertinente à(s) “Escola/Práticas pedagógicas”, encontrou-se quatro artigos (17%), que tratavam de metodologias interventivas das manifestações de violência e agressividade no âmbito escolar. Um dado de pesquisa que aliado às ferrenhas manifestações de violência e agressividade já citadas, demonstra uma certa carência na discussão sobre intervenções que possam sustentar discussões acadêmicas a respeito desta realidade.

A partir dos dados obtidos, a revisão de literatura deste estudo será embasada em consonância com os artigos dedicados ao tempo e espaço escolar. Para além desses artigos oriundos da revisão, serão utilizadas outras literaturas, com intuito de fomentar o diálogo com autores de áreas afins.

3.1 Violência e Agressividade do público infante-juvenil: da rua pra escola

Provavelmente a violência e a agressividade sempre estiveram presentes no decorrer dos tempos. Dos artigos encontrados a respeito do tema proposto, apenas um (1) traz um discurso voltado à diferença entre violência e agressividade. Deste modo, para ter um maior embasamento teórico, buscou-se outras literaturas, a fim de agregá-las às discussões da revisão bibliográfica.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2007, p. 1165) define a violência como o “uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. Segundo Minayo (1994) a violência não é intrínseca à natureza humana e não tem raízes biológicas, ou seja, este fenômeno deriva de uma longa construção histórico-social. Entretanto Modena (2016) ressalta que a violência é própria do ser humano e suas características variam no tempo e no espaço, de acordo com os padrões culturais de cada grupo ou época. De toda forma, indiferente de sua origem, percebe-se que a violência ao longo da história vem se moldando e trazendo consequências nefastas à sociedade.

Ueno e Sousa (2014) ressaltam que os termos violência e agressividade são usados de forma corriqueira e não são sinônimos, desta forma, estas palavras não devem ser confundidas. Na opinião de Dias (1996)

A agressividade é natural no ser humano, ela é um traço da característica do indivíduo. Todo ser humano defronta-se com outras pessoas com as quais irá disputar seu espaço e seus meios de existência, é a lei da natureza. Esta é a agressividade natural, qualificada de primária e que se caracteriza justamente pela afirmação do desejo do indivíduo (DIAS, 1996, p. 58).

Mussen *et al.* (1995) diferenciam a agressividade de duas formas, a agressividade instrumental e agressividade hostil. A agressividade instrumental se trata de um comportamento agressivo dirigido para um propósito, como adquirir um objeto de desejo, já a agressividade hostil, se trata de uma ação destinada a prejudicar fisicamente ou verbalmente outro indivíduo. Ueno e Sousa (2014) entendem a violência como toda ação onde há danos à vida e à saúde do indivíduo, várias formas de comportamento, ativo ou passivo, motor ou verbal. Tais comportamentos podem ser caracterizados por maus-tratos, limitação à liberdade ou imposição da força visando prejudicar direta ou indiretamente outro indivíduo.

Outro aspecto levantado pelos autores é que muitas vezes se observa a incoerência de considerar a violência como um fato espontâneo e presumível, ou seja, um comportamento natural do ser humano. Entende-se agressividade como uma forma do indivíduo se auto preservar, defender-se e buscar a ascensão de seus desejos, enquanto a violência advém da desorganização patológica dessa instância, uma forma de suprimir necessidades provenientes de libertação de males que aflijam o sujeito. Diante das considerações, afirma-se que a agressividade é um meio por onde a violência é manifestada através de ações, sejam essas físicas, verbais ou morais que visam prejudicar o próximo.

Segundo Souza e Araújo (2009) a falta de alguns direitos básicos como segurança pública, escola, luz, esgoto, água, saúde e lazer, influenciam diretamente para que a violência entre em cena em determinadas comunidades em nosso país. Tais faltas de recursos básicos trazem insuficiência na qualidade de vida, restando, assim, horizontes maléficos e sem perspectivas para quem se encontra nesta situação. Desta forma, cria-se redutos de espaços estereotipados, logo, produz-se uma imensa desigualdade social, implicando diretamente no futuro do público infanto-juvenil.

Além das causas advindas da falta de recursos minimamente necessários à boa qualidade de vida, outra questão que implica no comportamento violento dos jovens é a família. Em contextos familiares em que há presença de coerção, atritos entre membros deste meio e a adoção da punição como meio “educativo”, pode haver sequelas para as crianças e jovens, portanto, contribuindo para uma formação violenta e abusiva, conforme alude Prodócimo *et al.* (2013). Assim, tendo em vista que a família muitas das vezes é vista pela criança como um “espelho”, ações corriqueiras neste ambiente que incitam a violência podem levar o indivíduo a seguir os mesmos caminhos, usando da violência por meio da agressividade para resoluções de conflitos, assumindo uma postura violenta nos espaços para além do âmbito familiar, sendo um deles a escola (COSTA *et al.*, 2013).

Candрева *et al.* (2009) destacam que, ao ir em busca dos seus interesses pessoais, a criança esbarra na questão de valores morais, indo de frente com o moralmente adequado em uma determinada sociedade.

Nas instituições de ensino a maioria das ações violentas são advindas de fatores externos, ou seja, a criança traz consigo suas memórias e vivências anteriores os da escola e ali, coloca em prática determinadas formas de agir que incitam a violência. Ações essas que muitas das vezes estão além das capacidades e do poder de intervenção dos funcionários das escolas (LEVANDOSKI; CARDOSO, 2010).

Levando em consideração tais fatores extraescolares, as crianças em certos casos, não respeitam ou não entendem as condutas morais e éticas que são estabelecidas no ambiente de ensino, sua forma de organização e regras estabelecidas. Desta maneira, desencadeia um conflito de individualidade de cada ser e seus hábitos, de modo que este conflito pode gerar violência em função do uso da agressividade voltada à resistência que há em detrimento deste novo comportamento a ser seguido (CANDREVA *et al.*, 2009).

3.2 Violência e agressividade nas aulas de Educação Física: a luta através dos jogos de oposição como alternativa de intervenção

Sabe-se que o objeto de estudo da educação física é o movimento humano em suas diversas facetas. Levando em consideração a educação física escolar, Bonfim *et al.* (2012) ressaltam que durante as aulas é recorrente e quase indispensável a interação entre os alunos, para que, assim, os conteúdos pertinentes à disciplina sejam contemplados. Cada criança tem sua singularidade no que se diz respeito às atividades e, com relação à interação com o próximo, neste momento que alunos que não se sobressaem nas atividades, são alvos de perseguições, discriminações, intimidações, entre outros. Com isso, desestimula-se a criança à prática das atividades, gerando um certo tipo de segregação.

Segundo os estudos de Albino *et al.* (2008) acerca dos atos de violência no âmbito escolar, é nas aulas de educação física onde há maior número de ocorrências ligadas a tais atitudes, mostrando-se evidente em relação aos outros espaços e tempos na escola. Diante do que já foi discutido, as aulas de educação física poderiam ser agentes pacificadores em prol da diminuição dos índices de violência nas instituições escolares?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da educação física no ensino fundamental são norteados por três eixos; princípio da inclusão, princípio da diversidade e categorias de conteúdo. Tais princípios pregam o desenvolvimento coletivo através da cultura

corporal do movimento, buscando a legitimação da aprendizagem através das relações interpessoais por meio da dança, esporte, ginástica, jogos, lutas, atividades rítmicas, entre outras manifestações corporais.

Levando em consideração o conteúdo lutas no âmbito educacional, constata-se sua presença nos PCN's, sendo um dos conteúdos estruturantes na educação física escolar. Neste encontra-se a seguinte definição de lutas

[...] são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilizações ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. (BRASIL, 1997, p. 49).

De acordo com Santos, Oliveira e Cândido (2011) a discussão de lutas para além de seu uso técnico, é capaz de realizar reflexões em um plano relacionado à atualidade em que travamos constantes batalhas, tanto pela sobrevivência quanto contra os problemas sociais, e inúmeros outros oponentes visíveis e invisíveis que permeiam nossa existência. Diante dos excertos, podemos observar que o conceito de luta é bastante amplo, e sua definição pode variar em função do contexto em que a palavra se insere. O PCN's (1997, p. 49) cita alguns exemplos de luta que pode ser “desde as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até práticas mais complexas como a capoeira, o judô, o karatê, dentre outras”. Podemos observar que a luta corporal não se dá apenas pelas práticas institucionalizadas, sendo possível realizar vivências do conteúdo por meio de jogos e atividades pré-desportivas.

A respeito do jogo e do brincar, levaremos em consideração obras de autores que entram em concordância no que se diz respeito ao valor histórico destes conteúdos e sua importância na aprendizagem do ser humano. Huizinga (1990) aborda o jogo humano decorrente da cultura, um fenômeno social, considerando essa forma de jogo como a mais elevada. Para o autor, o jogo não é uma invenção do homem, mas antecede a cultura, que pressupõe a existência da sociedade humana.

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotados de um fim em si mesmo acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana (HUIZINGA, 1990, p. 33).

O autor tem um olhar de que o jogo é uma ação voluntária que necessita que o jogador saia da vida real para um espaço lúdico e imaginário. Destaca também que o jogo se transforma

em tradição por meio da repetição, e é transmitido de geração a geração preservando a sua essência. Segundo Candreva *et al.* (2009) o jogo tem exponencial contribuição para as relações pessoais. Ele desenvolve a criatividade, o respeito com o próximo, a solidariedade e, por meio das experiências proporcionadas, a criança vem a entender melhor o convívio e o respeito que deve haver em uma sociedade.

Santos (2012, p. 40) caracteriza os Jogos de Oposição como “[...]uma atividade lúdica que envolve o confronto entre duplas ou grupos, na qual cada participante tem a intenção de vencer [...] impondo-se ao outro pela tática ou pelo físico”. O autor ainda ressalta que as atividades têm seus interesses voltados para o cunho pedagógico, a fim de formar indivíduos que possam respeitar normas e valores sociais. O objetivo dos jogos de oposição não é valorizar a competição, este conteúdo tem o objetivo de promover manifestações corporais que passam por valores intrínsecos a pela técnica, dando ênfase aos valores “culturais, históricos, sociais e de gênero, e que podem ser ensinados pelo movimento humano” (SANTOS, 2012, p. 41).

Kunz (2015) assinala a relevância do brincar como meio de manifestação corporal que vai além de uma mera atividade, é por meio deste que o sujeito começa a interagir com o meio onde vive e conhece seu próprio corpo. Diante disto, entende-se que por meio do brincar as crianças se relacionam com o mundo e entram em contato com questões referentes às normas, condutas e valores que perpassam suas rotinas sociais. Logo, não há dúvida de que tais conteúdos usados em prol da produção de atitudes, valores e respeito ao próximo, podem, de certa forma, contribuir para a formação humana de um indivíduo, desvelando valores fundamentais para a convivência na sociedade.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização do estudo

A presente pesquisa foi desenvolvida com gestores e alunos de uma turma de sexto ano em uma escola pública Estadual de tempo Integral localizada no município de Tocantinópolis – TO. Tomando como referência os objetivos a serem alcançados, a pesquisa se enquadra na proposta de uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, com aporte teórico na abordagem crítico-emancipatória, tendo em vista que se procura entender os significados do fenômeno da violência dentro do contexto escolar e a intervenção através do conteúdo lutas. Por meio dos jogos de oposição é possível proporcionar vivências corporais que permitem o diálogo entre o global e o local, propondo intervenções emancipadoras na organização didático-pedagógica do conteúdo na educação física escolar.

Segundo Silva (1996), através da pesquisa qualitativa pode-se descrever, explicar, interpretar e compreender os variados elementos da experiência e como ela é vivida pelo sujeito investigado, de forma a caracterizar e fundamentar o caminho pretendido, através da generalização naturalista dos dados.

A pesquisa-ação permite ao pesquisador coletar informações originais das situações vivenciadas. O aporte de conhecimentos teóricos, por meio da relação pesquisador e o problema a ser investigado, dispõe de ensinamentos tanto positivos quanto negativos das manifestações que ocorrem durante a pesquisa (THIOLLENT, 2005).

De acordo com Thiollent (2005, p. 16) a pesquisa ação tem base no conhecimento empírico “[...] é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Kunz (2015) percebe que o se movimentar é algo fundamental para emancipação e libertação de suas limitações, pois através disto o ser humano tende a se comunicar, interagir e se reconhecer mediante as relações constituídas no meio social e nas dimensões espaço temporal.

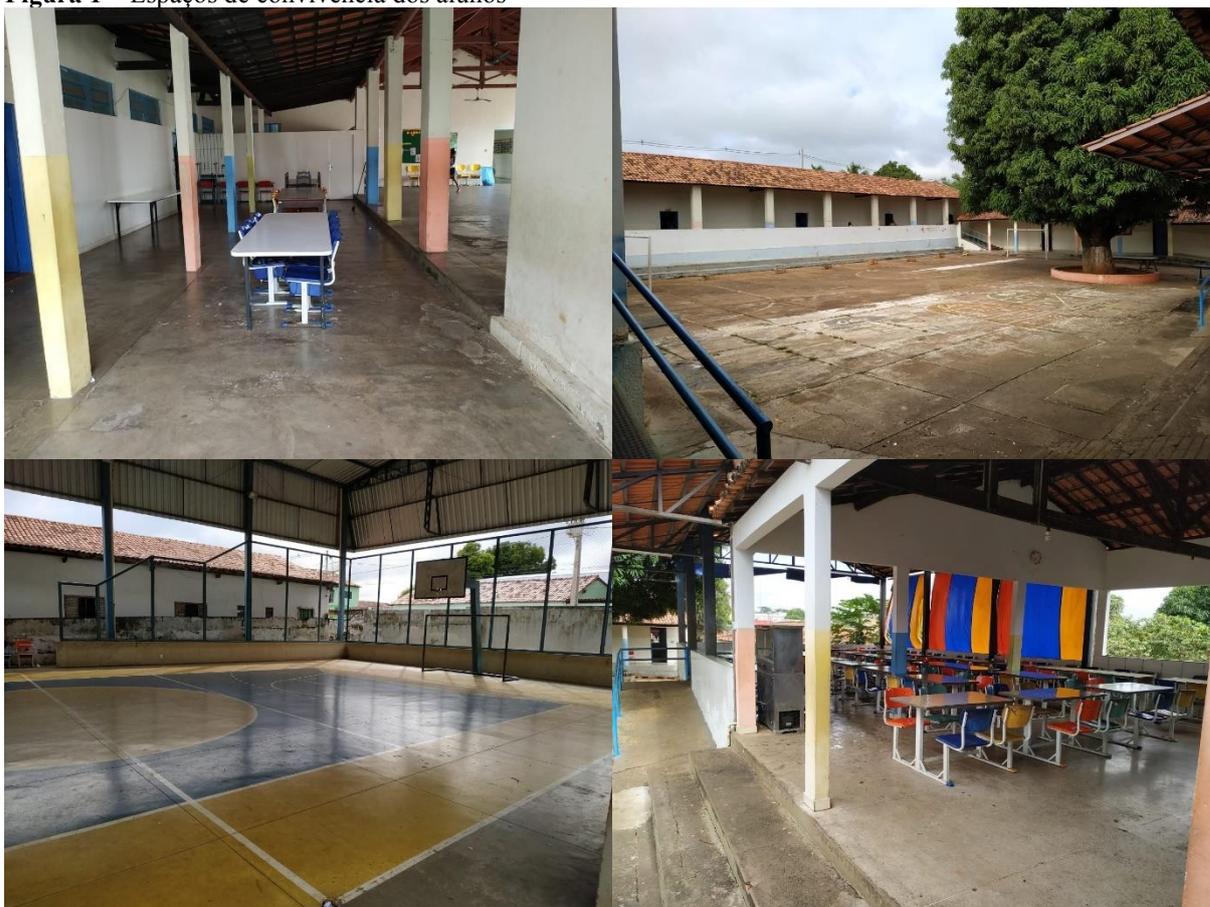
Nesta pesquisa utilizou-se também a análise do livro de ocorrências e encaminhamento do aluno. A pesquisa documental, segundo Gil (2014), tem suas semelhanças comparada à pesquisa bibliográfica. O que difere essencialmente uma da outra é a natureza da fonte, pois a pesquisa documental gira em torno de materiais que não tiveram seus dados analisados analiticamente. Marconi e Lakatos (1996) consideram que a pesquisa documental busca

analisar documentos escritos ou não, arquivos públicos, arquivos particulares e fontes estatísticas.

4.2 O campo e os sujeitos

A escola fica localizada na Rua XV de novembro, Centro, no município de Tocantinópolis- TO. Esta Instituição atende crianças e adolescentes do Ensino Fundamental I e II. A escola possui a seguinte estrutura: (8) salas de aulas, nove (9) salas diversas incluindo a sala da Direção, Laboratório de Informática, Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional, Secretaria, Sala de Reforço, Sala dos Professores, Biblioteca, Financeiro, Sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) dentre estas, há algumas sem climatização. O espaço conta também com uma quadra poliesportiva e cantina.

Figura 1 – Espaços de convivência dos alunos



Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

A instituição escolar, segundo seu Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) (2018) tem como um de seus objetivos:

[...]formar o educando nas dimensões afetivas, cognitivas, psicossocial e cultural por estar estruturada para tal fim. Logo, o papel da equipe Pedagógica e toda equipe técnica administrativa se confunde com o trabalho do professor, pois a aprendizagem do aluno é responsabilidade de todos os que compõem a escola (TOCANTINS, 2018, p. 34)

É perceptível que a instituição reconhece e valoriza o trabalho em equipe, aprendendo a dividir responsabilidades e a confiar nas pessoas. A gestão realiza encontros com palestras e oficinas que fortalecem as relações interpessoais, o intercâmbio de ideias e a quebra de fronteiras entre as funções. Nota-se que todos estão em busca do mesmo objetivo que é o trabalho em prol da aprendizagem do aluno.

A referente pesquisa foi realizada com dois gestores da instituição afim de requerer o olhar institucional sobre os fenômenos ocorridos na escola, os gestores foram selecionados em função de suas proximidades com os registros e resolução de conflitos dentro do ambiente escolar. Afim de compreender e intervir em tal fenômeno a partir do olhar de seus autores realizou-se a inquirição com uma turma de sexto ano era composta por (17) alunos, dentre estes, quatro (4) meninas e treze (13) meninos com idade entre 12 e 17 anos do sexto ano do Ensino Fundamental. A turma foi elencada a partir do mapeamento na unidade escolar. Com base neste, constatou-se que as ocorrências na escola são mais evidentes nesta fase de ensino. Durante a pesquisa tivemos contribuições do professor de educação física da instituição de ensino, respaldando a organização didático-pedagógica das intervenções.

4.3 Instrumentos utilizados

Um dos meios utilizados para o colhimento dos dados foi a ferramenta de observação, haja vista que houve a necessidade de registrar informações referentes às vivências no campo, sobretudo, as caracterizações de como os fenômenos ocorriam no ambiente escolar. Marconi e Lakatos (1996, p. 79) apontam que por meio da observação é possível, “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. Segundo Gil (2014), ao observar, o pesquisador busca saber os reais feitos e conhecimentos presentes ali na vida do grupo a ser pesquisado, desta forma, se torna um membro daquele meio.

Outro instrumento utilizado para obtenção de informações acerca dos fenômenos foi a utilização de entrevista semi- estruturada, a qual foi realizada com a coordenadora pedagógica e o orientador pedagógico da escola. Segundo Ribeiro (2008) a entrevista evidencia-se como

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (RIBEIRO, 2008, p. 141).

4.4 Procedimentos

As informações foram coletadas durante um espaço de tempo de dois (2) meses. As visitas a campo foram realizadas três (3) vezes por semana com duração de 3h cada. Com base nisso, a pesquisa foi dividida em três (3) etapas, sendo elas:

1ª fase: realizou-se uma pesquisa de revisão sistemática. Utilizou-se como fonte oito (8) periódicos multitemáticos da educação física. Foram eles: Revista Movimento – UFRGS; Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – USP; Revista Brasileira de Ciência e Movimento – UCB; Revista Pensar a Prática – UFG; Revista *Journal of Physical Education* – UEM; Revista Motrivivência – UFSC e Revista Licere – UFMG. Foi examinado tudo o que se publicou em relação à violência e à agressividade nos últimos dez anos de todas as revistas. A averiguação foi realizada com critério e cautela, as palavras chaves utilizadas para seleção dos artigos foram, violência e agressividade. Essas palavras deveriam estar contidas no título do artigo, em seu resumo ou palavra chave.

2ª fase: com registros em diários de campo, realizou-se a observação e mapeamento da problemática na escola nos diversos tempos e espaços da instituição. Na observação houve acesso ao PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola. Averiguou-se a infraestrutura, materiais disponíveis para realização das aulas, as condições físicas e socioeconômicas. Sucedeu-se, então, o contato com os alunos, analisando seus espaços, costumes existentes no local, expectativas, possibilidades que poderiam ser exploradas e dificuldades a serem vencidas. Nesta perspectiva, foi realizada entrevistas com os gestores da escola, a fim de ponderar informações referentes ao olhar institucional quanto às manifestações violentas no ambiente escolar, e o uso do conteúdo lutas como forma de intervir nesta situação.

3ª fase: após o término das etapas anteriores, foi dado o ponto de partida da pesquisa na turma elencada. De início houve o planejamento da intervenção, por meio da criação do plano de ensino da disciplina e planejamento dos planos de aulas. Realizou-se nesta etapa um bloco de duas aulas por semana, durante um (1) mês. Os blocos foram divididos em três (3) momentos. O primeiro momento foi destinado ao mapeamento das concepções de luta e violência para os alunos, por meio do uso de desenho com o tema: “Para você o que é luta?”, e

um texto com o tema: “Para você o que é violência?”, realizando a problematização em sala de aula acerca das produções. O segundo momento destinou-se a apresentar os diferentes tipos de luta, seu contexto histórico social e à desvinculação cultural da violência ao conteúdo de lutas. E o terceiro momento foi a prática através dos jogos de oposição, trazendo vivências a serem problematizadas, desta forma, (re)significando e emancipando o cenário das atividades, bem como ampliando seus conceitos, concluindo, assim, as aulas com festival de lutas.

4.5 Análise de dados

De acordo com Teixeira (2003, p. 16) a análise de dados corresponde a um processo que consiste na “formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado”.

Ao referir-se a tal assunto Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998) dizem que

À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 170)

Kunz (2015) considera que os professores e alunos, por meio de uma ação comunicativa didático-pedagógica, possam conhecer e problematizar a realidade em que estão inseridos. Diante disto, podem agir em conjunto para a produção do conhecimento e não uma mera transmissão do mesmo. Logo, há um diálogo crítico emancipado nas práticas a serem vivenciadas durante as aulas.

Diante disto, a análise qualitativa dos conteúdos decorreu a partir do cruzamento entre o olhar do pesquisador a contribuição dos alunos e gestores da instituição à luz da literatura. Não obstante, ter-se-á um aporte teórico subsidiado nas premissas da abordagem crítico-emancipatória. Com base nos registros de campos serão geradas categorias de análises geradoras para os resultados e discussão.

4.6 Cuidados éticos

Durante a pesquisa a participação dos alunos foi voluntária, sendo que as discussões e as atividades práticas aconteceram de forma flexível. Caso algum procedimento gerasse

constrangimento ou a criança tivesse o receio de expor sua opinião, em nenhum momento seria obrigada ou pressionada a interagir com o meio da discussão.

4.6.1 Riscos de pesquisa

O risco da pesquisa se deu através da ocorrência de algum acidente durante as aulas práticas, no desconforto da criança em expor sua opinião e no receio de fazer parte integrante da vivência proposta.

4.6.2 Benefícios de pesquisa

Essa pesquisa pôde gerar novas possibilidades didático-pedagógicas, por meio da utilização dos jogos de oposição, incitando práticas crítico-emancipatórias, problematizando a realidade com os alunos por meio da luta através dos jogos de oposição, instigando o pensamento crítico auto reflexivo dos valores e significados acerca dos conteúdos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Os violentos entraves no campo de batalha: o olhar da equipe gestora

[...] uma gestão democrática que prioriza o diálogo entre os companheiros de trabalho, os alunos e pessoas que pensam de modo diferente, oportunizando a socialização e ideias, experiências, com capacidade de discutir, elaborar e aceitar regras coletivamente sabendo superar obstáculos e divergências, administrando os conflitos com muita sabedoria (TOCANTINS, 2018, p. 30).

Como aludido anteriormente, esta pesquisa foi concebida em decorrência de observações de hábitos violentos dos alunos com eles mesmos e com funcionários da escola, em fase exploratória do estágio supervisionado. Os gestores da instituição travam todos os dias constantes batalhas em prol da desmistificação das manifestações de violência no local, ambiente este que prega a premissa da formação humana dos alunos.

Com fins à realização do mapeamento das principais práticas violentas na escola e como são tratadas, foram feitas entrevistas com os gestores da instituição de ensino, representados pela coordenadora pedagógica graduada em Pedagogia, e pelo orientador educacional, formado em Pedagogia e Especialista em Orientação Educacional. A escolha destes dois profissionais se deu pela proximidade que ambos têm com as intervenções e soluções nos casos em que ocorrem ações violentas dos alunos na escola. A partir do momento que vivem intensamente esta rotina, mostraram ter propriedade para tratar do tema em questão. Para que houvesse parâmetros palpáveis, realizou-se uma análise do livro de ocorrência e encaminhamento ao aluno. Nestes havia análises do histórico de manifestações violentas registradas nos mais variados espaços-tempos da escola.

A seguir será trazido trechos das entrevistas. Estas ações se constituíram a partir das seguintes indagações aos gestores.

- Como você analisa as práticas violentas na escola?
- Quais as turmas/grupos que você considera que mais usam de práticas violentas?
- Quais as principais formas de manifestações de violência que a escola identifica? E em quais momentos mais ocorrem?
- A escola adota alguma ferramenta para intervir nas manifestações?
- Como você avalia, nas aulas de educação física, jogos de luta como alternativas para intervir nas ações violentas?

Os profissionais gestores da escola pesquisada, reconhecem que as manifestações violentas por parte dos alunos têm ocorrência constante. Ao serem indagados com relação à

análise das práticas violentas na escola, o orientador educacional afirma que, “*nos aspectos de análise a gente está achando que é crescente, é crescente os casos de violência na escola, mas, a gente quer acreditar que não é comum, isso não é pra ser uma coisa comum, mas é crescente, é uma realidade nas escolas*”. Tendo em vista sua vasta experiência, o orientador ressalta que não é apenas na instituição pesquisada que há casos graves desta situação, a escola em questão apenas faz parte de uma conjuntura que vem crescendo no decorrer dos tempos. Tendo em vista o crescimento das manifestações violentas, a coordenadora pedagógica ressalta que, “*a escola, quando entrei há vinte anos atrás, tinha outra cara, hoje vejo muitas ações violentas por partes dos alunos dentro da escola, muitas ações de conflitos e muito frequentes*”.

Embora a violência venha ganhando espaço e esteja em constantes mudanças, na escola os gestores deixam explícito que ações são realizadas, porém, de certa forma, são banalizadas pelos próprios alunos.

[...] É uma violência que não faz sentido. Todas as condições necessárias para não ter violência eles têm, que é informação e orientação. Eles têm todo conhecimento do perigo que a violência pode trazer, as consequências, todas as condições mínimas e necessárias para não chegar à violência, eles têm. Porém, isso acontece devido à desobediência ou por eles tratarem como uma coisa mais banal. No meu ponto de vista, a violência está crescente por eles banalizarem. A violência não passa de uma brincadeira. Para eles é uma diversão (ORIENTADOR EDUCACIONAL, 2018).

Segundo Abramovay (2002), há uma certa naturalização da percepção das manifestações de violências nos ambientes escolares. Ações essas que se dão de forma corriqueira, dando a entender que esta via seja a correta para a resolução de conflitos interpessoais. Como tais ações estão em ritmo crescente, segundo a autora referida, deve-se priorizar ações de combate e prevenção à violência nas instituições escolares. Diante disto, percebemos que a pesquisa da autora corrobora com o pensamento dos funcionários da escola. No que se diz respeito à orientação por parte da gestão, é evidente que estes se preocupam e buscam estar sempre acompanhando de perto e orientando os alunos a respeito dos malefícios que a violência traz na vida do ser humano e no seu convívio na escola. Segundo Silva (2008), a escola aloca o fenômeno da violência em seus espaços, e este dilema está se encarnando nos problemas sócio-políticos do país. O autor reitera que tal fenômeno tem uma vasta complexidade, abarcando desde problemas sócio-afetivos até a insuficiência do estado para dar o apoio necessários para gerir mercado de trabalho. De certa forma, tais questões têm influência direta no convívio desses alunos, que carecem até mesmo com a falta de recursos básicos para sua própria sobrevivência. Logo, fazem-se necessários estudos mais aprofundados que possam compreender e ressignificar a realidade atual.

Em se tratando de violência, “quais as turmas/grupos que você considera que mais usam de práticas violentas?”, ao serem indagados a respeito disto, o orientador pedagógico referenciou que a violência, “*está mais concentrada no grupo masculino, os homens são nossos alunos que mais apresentam serem violentos, tanto é, que reflete nos resultados, os meninos são os que têm as notas mais baixas, são os que têm mais registros de ocorrências*”. Muito embora a violência seja mais explícita pelos meninos, a coordenadora pedagógica ressalta que “*no grupo das meninas há indícios de violência, mas se você for comparar as ocorrências que a gente tem durante o dia, a incidência com os homens é bem maior*”.

Para que pudéssemos situar onde e como eram ocorridos os acontecimentos com mais frequência, realizou-se o seguinte questionamento: “quais as principais formas de manifestações de violência que a escola identifica? E em quais momentos mais ocorrem?”:

[...]As práticas de violência que mais acontecem na escola são as verbais em seguida das físicas, são as que mais ocorrem no dia a dia da escola, o vocabulário deles são mais agressivos, grosseiros, o relacionamento entre eles é muito ruim, eles se agredem, se ofendem, então dá pra gente vê a agressão no próprio relacionamento e na conversa (ORIENTADOR EDUCACIONAL, 2018).

Partindo da ideia destes estágios de violência, Silva (2008) ressalta que há uma transição dos estágios geridos neste contexto, devido a uma má interpretação dos alunos sobre a ocorrência ou até mesmo de uma ofensa intencional. Em algumas situações, a criança que agride, mesmo brincando, pode de certa maneira despertar sentimentos agressivos na criança agredida. Segundo a coordenadora pedagógica, um dos cenários mais propícios para os acontecimentos agressivos ocorrem na hora do intervalo, na troca de professores e em um cenário em que a gestora cita como delicado, que é dentro da sala de aula, onde recai sobre a gestão de turma do professor que ali se encontra. Ela acredita que, “*se o professor tiver uma boa relação com as turmas, ele consegue diminuir muito o índice de violência dentro das salas*”.

Diante do cenário em que a instituição se encontra, fez-se necessário indagar o seguinte: “a escola adota alguma ferramenta para intervir nas manifestações?”, no que diz respeito a essas demandas interventivas, os gestores afirmam ter a acolhida toda manhã. Esse momento é destinado para o diálogo com os alunos, sobre questões referentes ao que vem acontecendo durante a semana, atitudes a serem repensadas e condutas a serem tomadas como exemplo para determinadas situações. Desta maneira, busca-se orientar e aconselhar, instigando os educandos a repensarem seus atos, suas práticas e comportamento dentro da escola e fora dela, principalmente dentro dela. Esta ação se estende para além deste momento, podendo

ocorrer ao longo do dia, em sala, com os professores. Para além das orientações internas, a escola tem o cuidado de ofertar palestras com autoridades da cidade como, agentes da 2ª Delegacia Regional de Polícia Civil (DRPC), o órgão do Conselho Tutelar e também contam com a atuação do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD). Todas estas ações se concentram com o intuito de conscientizar os alunos acerca da violência dentro da escola.

Embora sejam realizadas todas essas ações em prol da conscientização dos alunos, o orientador pedagógico ressalta a importância da família neste processo.

[...] não adianta a escola falar, se na rua ou em casa eles veem uma atitude de um adulto e profissionais dando mal exemplo. Se a escola não aceita que ele passe dos limites, se a escola não aceita ele desobedecer, se ele só ouve isso aqui e não ouve em casa, é claro que eles não vão acompanhar a escola (ORIENTADOR EDUCACIONAL, 2018).

Observa-se na fala do orientador pedagógico, que há casos onde não ocorre uma consonância das ações realizadas na escola, com as vivências dos alunos para fora dela. Segundo Livisolo e Moura (2017) a incitação à violência, muitas das vezes, tem suas raízes nos ambientes familiares e na rua, de modo que tais ações repercutem e se reproduzem nos espaços escolares.

Diante disto, para fechar a entrevista, foi feita a última pergunta, “como você avalia, nas aulas de educação física, os jogos de luta como alternativas para intervir nas ações violentas?”, a coordenadora pedagógica confessa, “*acho que tem que ter um preparo muito grande por parte do profissional de educação física que vai trabalhar a questão da luta, por que pra eles luta, é matar o outro, então eu acho complicado e fico com receio*”. O orientador pedagógico reitera que, “*eles (os alunos) conhecem outra luta, é a luta pra bater, para sangrar, acabar com outro. Vejo o trabalho nas aulas sobre luta ainda de forma tímida, este trabalho tem que ser mais atuante para que por meio das aulas os alunos se conscientizem*”. Embora as lutas tenham um significado distinto de violência, para os alunos isso se confunde, fazendo com que o conteúdo lutas se ligue diretamente com a violência.

[...] eles são de um meio extremamente violento, então, para eles, tudo se resolve na pancada. Até você colocar na cabeça do menino de dez a quatorze anos que a luta tem outro objetivo, não é só em uma ou duas aulas semanais, demora muito para mudar esta cultura deles. Trabalhar este conteúdo não é fácil, tem que saber o que está fazendo porque os meninos não estão acostumados a ver sobre outro ângulo, eles vão mesmo é pra parte da violência, mas com o tempo de trabalho vai melhorar (COORDENADORA PEDAGÓGICA, 2018).

Ao se tratar do conteúdo lutas na educação física escolar, geralmente o primeiro, segundo e terceiro pensamento trata-se de “submissão de um oponente ou adversário por meios técnicos ou de imposição da força” e também associam a algum tipo de violência (RUFINO; DARIDO, 2012, p. 19). Sabe-se que a luta vai muito além dessas definições, pois este termo pode ser compreendido de acordo com o contexto ao qual está estabelecido. Rufino e Darido (2012) elencam as lutas como práticas de sobrevivência inerentes ao ser humano que, posteriormente, passaram por um processo de sistematização, validação e regulamentação perante a visão da sociedade nas quais elas estavam inseridas.

Dada a entrevista, outra fonte muito importante para a compreensão do que ocorre no dia a dia da escola é o Livro de Ocorrências. Neste documento são assinalados os casos que são diretamente encaminhados à gestão da escola. Há também o Encaminhamento do Aluno, situações nas quais existe uma ficha apenas para o uso do professor, onde são assinalados os ocorridos e repassados para a gestão escolar. A partir destes, são registradas as ocorrências, principalmente os casos em que há uma maior gravidade dos problemas relacionados às manifestações de violência e agressividade ocorridas no ambiente escolar. Desta maneira, optou-se por fazer a análise minuciosa destes documentos para que se dispusesse de um parâmetro geral das ocorrências na instituição. Os dados coletados foram registrados do dia 24 de janeiro à 27 de novembro de 2018. Foram analisados duzentos e onze (249) Encaminhamentos do Aluno e trezentos e vinte e seis (326) registros no Livro de Ocorrências.

Dos quinhentos e trinta e sete (575) registros de ocorrências analisadas, cento e vinte e sete (137) diziam respeito à violência e agressividade praticada por alunos. A partir da análise, constatou-se que essas manifestações de casos de agressão entre alunos, foram um dos principais motivos do registro de ocorrências. Tais situações se davam em momentos de brigas quando os envolvidos se agrediam verbal e fisicamente, com tapas, socos, chutes, empurrões, mordidas e até mesmo com objetos como, lápis, tesoura, bolas de gude, pedaço de madeira, entre outros. Outro fator bem evidente nas ocorrências, são os significativos registros quanto ao desrespeito às normas da escola e aos funcionários por parte dos alunos. Este número chega a duzentos e cinquenta e nove (259) ocorrências. Tal categoria engloba situações de afronta aos funcionários, insultos, gestos obscenos, xingamentos e até mesmo casos de alunos chamarem funcionários para o combate físico, chamado de “vias de fato”. De acordo com a análise, os principais alvos são os professores. Nesta categoria também existem casos de fugas de alunos da escola, destruição de patrimônio público, desperdício de alimentos e falta de interesse por parte dos alunos em participar das aulas. Essas manobras davam consistência direta nos conflitos com os profissionais da instituição.

Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências do público masculino de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO

Categorias	Ocorrências	Percentual
Desrespeito às Normas da Escola/Funcionários	230	48,42%
Comportamento Agressivo/Agressão	97	20,42%
Problemas Pessoais/Saída autorizada	87	18,32%
Falta não justificada	39	8,21%
Provocação/Violência verbal	20	4,21%
Porte de Drogas	1	0,21%
Ato sexual	1	0,21%
Furto	-	-
Uso de aparelhos Eletrônicos	-	-
TOTAL	475	100,00%

Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

A análise dos documentos evidencia e dá subsídios às falas dos gestores. A amostragem de ocorrência do público masculino é deveras mais alta que das meninas. Durante a fase de observação também foi evidente a disparidade de manifestações violentas entre os grupos.

Tabela 3 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências do público feminino de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO

Categorias	Ocorrências	Percentual
Problemas Pessoais/Saída autorizada	46	52,87%
Desrespeito às Normas da Escola/Funcionários	28	32,18%
Comportamento Agressivo/Agressão	10	11,49%
Falta não justificada	1	1,15%
Uso de aparelhos Eletrônicos	1	1,15%
Provocação/Violência verbal	1	1,15%
Furto	-	-
Porte de Drogas	-	-
Ato sexual	-	-
TOTAL	87	100,00%

Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

De antemão, ressalta-se na tabela 4 que não há um grande número de ocorrências envolvendo os dois gêneros. Através das observações percebeu-se que tais grupos não têm uma grande proximidade em suas atividades dentro e fora de sala. Suas relações são estreitamente ligadas ao espaço onde convivem, ou seja, as atividades exercidas nos espaços-tempos da escola são totalmente distintas.

Tabela 4 – Frequência absoluta e relativa dos registros de ocorrências de conflitos entre os sexos de uma escola de ensino fundamental de tempo integral de Tocantinópolis -TO

Categorias	Quantidade	Percentual
Comportamento Agressivo/Agressão	6	46,15%
Provocação/Violência verbal	3	23,08%
Ato sexual	2	15,38%
Furto	1	7,69%
Desrespeito às Normas da Escola/Funcionários	1	7,69%
Falta não justificada	-	-
Porte de Drogas	-	-
Problemas Pessoais/Saída autorizada	-	-
Uso de aparelhos Eletrônicos	-	-
TOTAL	13	100,00%

Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

A partir dos dados obtidos, percebe-se que a violência está inserida na realidade da escola de forma considerável, ou seja, tais manifestações fazem parte da realidade dos sujeitos ali inseridos se reproduzem no âmbito escolar. São notórios os recorrentes casos de intolerância nas relações entre os alunos e professores e entre os próprios alunos. No cotidiano da instituição há constantes agressões, demonstrações de um sentimento de revolta em relação aos próprios colegas, por professores e demais funcionários do espaço escolar. Vale ressaltar que os registros realizados pela escola não representam a totalidade das manifestações ocorridas no local. Os casos registrados são aqueles que apresentam de certa forma um certo grau de gravidade, segundo informações repassadas da instituição.

Desta forma, é evidente a necessidade de que cada vez mais sejam trabalhadas estas questões com os alunos, tendo em vista que a situação chega a ser de certa forma alarmante. Na busca pela compreensão dos fatos e ressignificação deste cenário, buscou-se um intermédio desta situação através da intervenção que será relatada no próximo subcapítulo apresentado.

5.2 Guerreiros a postos: vamos brigar na aula professor?

Em meio à fase de mapeamento no estágio supervisionado, foi averiguado que o conteúdo das lutas não costuma ser trabalhado nas aulas de educação física, visto que por sua vez, em alguns momentos a disciplina fica restrita ao ensino de determinados conteúdos, tais como alguns esportes coletivos. Rufino (2016) destaca que há dificuldade por parte dos professores em ministrar este conteúdo, pois os mesmos afirmam sentir dificuldade para explicar essa temática em suas aulas. O autor ressalta que um dos motivos para isto provém do preconceito com as lutas, dado que este conteúdo muitas das vezes vem sendo rotulado como uma prática violenta e repressiva que incita a violência e a agressividade. Tais colocações do autor vêm ao encontro o que se evidencia em campo. Mediante este cenário, é papel fundamental nas aulas de educação física trabalhar-se a luta, a distinção entre lutas e violência, para rever os estereótipos que flagelam o ensino deste conteúdo na escola. Portanto, levando aos alunos práticas significativas emancipadas, intercorrendo a reconstrução crítica do saber.

Na perspectiva de ressignificar a trivialidade existente a respeito do conteúdo lutas por intermédio dos jogos de oposição, as aulas foram conduzidas trilhando os pressupostos da abordagem teórico-metodológico crítico-emancipatória. Esta concepção de ensino tem como base três delineamentos metodológicos, o trabalho, a interação social e a linguagem. Estes aspectos serão abordados posteriormente, junto o processo metodológico da intervenção.

Quadro 1 – Bloco de oito aulas interventivas

Semana	Número de Aulas	Habilidades	Conteúdos
1º	01	Reconhecer as diferenças entre luta e violência.	Introdução as Lutas
2º	02	Reconhecer as diferenças entre luta e violência.	Introdução as Lutas
3º	03	Compreender a historicidade das lutas, seus tipos e modalidades.	Introdução as Lutas e vivências por meio de jogos de oposição
4º	04	Compreender a historicidade das lutas, seus tipos e modalidades.	Introdução as Lutas e vivências por meio de jogos de oposição
5º	05	Vivenciar Jogos de oposição	Por meio dos jogos de oposição. Realizar a discussão acerca dos valores que envolvem as lutas.

6°	06	Vivenciar Jogos de oposição	Por meio dos jogos de oposição. Realizar a discussão acerca dos valores que envolvem as lutas.
7°	07	Ressignificação das lutas como instrumento de discussão sobre o tema e os valores existentes no espaço escolar.	Discutir os valores que envolvem o tema lutas no espaço escolar
8°	08	(Res)significação das lutas a partir dos jogos de oposição	Festival de jogos de oposição e encerramento.

Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

O quadro desenha o processo tal como o conteúdo foi desenvolvido durante o período de intervenção. A seguir temos os demonstrativos do processo metodológico do bloco de intervenção.

5.2.1 Reconhecendo as diferenças entre luta e violência: afinal, quais as concepções dos alunos acerca destas questões?

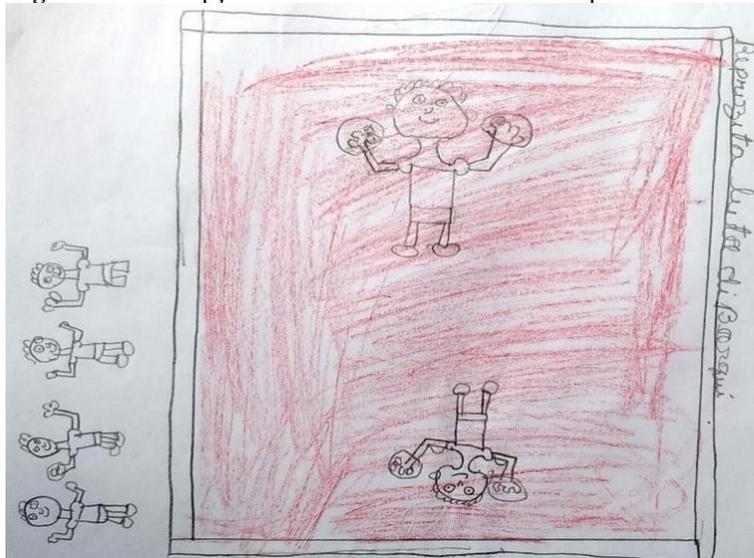
Levando em consideração os ocorridos em fase de observação e a entrevista com os gestores da instituição, o início do bloco de aulas foi marcado pelo julgamento dos educandos acerca das questões relacionadas à luta e à violência. Fazendo uso das metodologias propostas, a primeira etapa destinou-se ao mapeamento das concepções dos alunos sobre luta e violência. Segundo Franco (2005, p. 483) a pesquisa ação “considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, [...] a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação”. Seguindo este princípio, Daolio (2007) salienta que a abordagem crítico emancipatória instiga no aluno o seu envolvimento direto como autor das suas ações e concepções, além disso, constitui um sujeito capaz de crítica e de atuação autônoma acerca do ambiente em que está inserido.

Nesta primeira etapa, foram apresentadas as vertentes que seriam trabalhadas de forma superficial do conteúdo, houve vários discursos em forma de protesto e contrários ao conteúdo que seria trabalhado. Dentre eles, se sobressaíram: “*ah, não, professor, nós gostamos é de jogar bola*”. Além desta, uma indagação em especial se destacou entre as restantes: “*vamos brigar na aula professor?*”. Neste momento evidenciou-se que havia, naquele ambiente, significados obstruídos com relação ao conteúdo lutas, razão pela qual salientou-se a necessidade da construção de um olhar diferente sobre este conteúdo. Segundo Kunz (2001, p. 23) “o esporte é atualmente um produto cultural altamente valorizado em todo o mundo, pelo menos no sentido

econômico”. Com passar do tempo, percebe-se poucas mudanças com relação à citação do autor. A concepção de ensino emancipatória propõe um viés crítico ao ensino da educação física na escola, já que esta abordagem questiona a alienação existente nas aulas da disciplina que se limitam à mera reprodução ou padronização de práticas de desporto. Segundo Kunz (2001), a prática esportiva dentro das aulas deve ter um significado, o conteúdo deve se apresentar para além da reprodução enquanto esporte de alto rendimento. Ainda nesta mesma linha de considerações, durante o processo de ensino, deve-se envolver valores e normas que perpassem pelas aulas e ressignifiquem o conteúdo afora do que se mostra em um primeiro momento. Logo, a abordagem preconiza a libertação do aluno para com as falsas ilusões, alienação e de uma visão exclusivamente individualista, competitiva e autoritarista do esporte e dos jogos. Este modelo de ensino evidencia que, por meio da interação do indivíduo com determinado conteúdo, é possível reaver valores e atitudes dos envolvidos a respeito do assunto trabalhado.

Diante disto, a primeira forma de conceituação de luta, deu-se por meio do desenho em uma folha de papel A4. Estas definições tiveram como tema norteador “o que é luta para você?”. E para conceituação de violência foi redigido um texto partindo do tema “o que é violência para você?”. Para que respondessem à questão sobre o conceito de luta, foi ofertado como forma de manifestação da interpretação acerca deste tema, o desenho, o qual, por sua vez, se mostra um agente didático-pedagógico relevante à pesquisa. Segundo Natividade (2008), a teoria de Vygotski, por meio do desenho, conduz a uma reflexão direta do conhecimento da realidade, bem como à exteriorização de sentimentos e emoções, ou seja, nesta forma de manifestação, a criança conceitua sua realidade e experiências reproduzindo o significado da palavra em seus traços no papel. Em meio às produções acerca do conteúdo lutas, emergiram três categorias que serão esmiuçadas a seguir.

Figura 2 – Concepção dos alunos sobre Luta como esporte de combate



Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

O desenho representa uma luta de boxe, com participação de plateia prestigiando a ação esportiva. Das produções, 35,3% tomaram como significado de luta, este viés. De acordo com Correia e Frachini (2010), a projeção pelos mais variados canais de mídia corrobora expansão e socialização das práticas relativas às lutas na mídia. Contribui para a proliferação e extensão de federações e confederações das mais variadas manifestações esportivas das lutas. Embora de certa maneira seja positivo estar no meio midiático, segundo Rufino (2016), ultimamente as lutas têm obtido um lugar de destaque negativo através das mídias. Elas vêm, portanto, sendo disseminadas e reproduzidas de forma criticada e descontextualizada, se tornando uma ferramenta carregada de estereótipos que são altamente reproduzidos nos meios sociais. Podemos observar este cenário no desenho (figura 2) o retrato de um cenário de duas pessoas brigando, enquanto ao redor havia a incitação ao ato que estava acontecendo. As produções que faziam esta associação da luta com a violência foram no total de 35,3% da sala.

Figura 3 – Concepção dos alunos sobre Luta associada a violência



Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

A produção a seguir (figura 3) salienta a evidente influência da mídia no contexto em que os alunos estão inseridos. O desenho reproduz uma cena de uma franquia de mídia em desenhos chamada *Dragon Ball*. Foi percebido entre as produções que a influência da mídia está presente na realidade dos alunos, haja vista que 29,4% deles justificaram suas produções sobre o conceito de luta baseando-se em filmes e desenhos, reforçando a influência da mídia no cotidiano de suas práticas.

Figura 4 – Concepção dos alunos sobre Luta associada a mídia



Fonte: Sorlei Silva e Silva, 2019.

Na análise das produções, observou-se que houve uma diversidade de opiniões acerca do tema, sendo de grande valia perceber que, em parte, determinados alunos conseguiram manter distância da relação entre lutas e violência. Em contrapartida, evidenciou-se também a distorção das lutas por um viés que não condiz com seus princípios. Segundo Ueno e Sousa (2014), esse fato tem suas raízes pautadas no processo de esportivização que a massa midiática repassa, e por muita das vezes o conteúdo não ser fomentado nos espaços escolares. Diante disto, é essencial trabalhar de forma efetiva o conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar, através de vivências e leituras críticas sobre as lutas, para que não sejam reproduzidas ramificações distorcidas deste conteúdo. A partir disto, acredita-se que com o passar do tempo esta forma de ver as lutas irão transpassar os muros das escolas e deslumbrarão novos sentidos para a comunidade em geral.

Se tratando de violência, ao discorrerem sobre o tema, ao contrário das ramificações e interpretações equivocadas acerca das lutas, os alunos mostraram ter de certa forma propriedade ao falarem do assunto. As produções ressaltaram agressões físicas e verbais, violência contra mulheres e crianças e até mesmo a forma como acontece a violência no cotidiano deles mesmos. Um dos alunos descreveu da seguinte forma: “São movimentos agressivos, envolve sentimentos ruins que às vezes machuca ou até mesmo mata, muita ira, com violência há muitas coisas que se passa pela nossa cabeça com brutalidade e raiva”.

Ao realizar um comparativo entre o que é luta e o que é violência na visão dos educandos, observam-se que os conceitos se perdem e, no final das contas, tornam-se um mesmo evento. Segundo Ristun (2010), a violência está presente na escola, podendo ser

configurada a partir das relações sociais dentro desse espaço por meio de exclusão, discriminação entre as crianças, dominação pelo uso de poder e agressividade dentro da instituição escolar. Desta forma, é exponencial realizar a diferenciação destes conceitos para que se possa trabalhar de forma efetiva o conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar. Este mapeamento evidenciou um panorama da visão que os alunos tinham acerca dos temas. Contribuindo para as problematizações e discussões no decorrer das aulas.

5.2.2 Quebrando Paradigmas: compreendendo a historicidade da luta e vivenciando os jogos de oposição

Como mencionado de acordo com Kunz (2001), dentro da abordagem crítico-emancipatória são trabalhados três aspectos e competências e, dentre estes, há o aspecto do trabalho que busca desenvolver a competência objetiva, que propõe expandir a autonomia do aluno através das experiências concretas e diretas com conteúdo. Desta maneira, há uma participação direta dos alunos por meio de sua própria experiência manipulativa ofertada nas aulas. Logo, este processo contribui para vivências e descobertas do aluno na manifestação corporal em questão. As vivências corporais através dos jogos de oposição prepuseram trabalhar com os alunos questões referentes ao respeito com o próximo, normas sociais e condutas filosóficas, que podem ser exercidas para além da disciplina.

Após o *feedback* por parte dos alunos, foram promovidas discussões acerca do que é luta. Tendo como viés seu contexto histórico, sua pluridiversidade, representação sociocultural, luta pela sobrevivência humana, seus desafios, luta enquanto arte marcial e esporte de combate. Tais classificações contêm consigo uma ampla bagagem no que concerne às normas e condutas subsidiadas por filosofias regentes dentro de cada manifestação. Essas discussões acerca do conteúdo, deram suporte para o entendimento dos alunos quanto aos temas, ressignificando os pensamentos dos indivíduos em torno destas práticas. Demos um grande passo na desconstrução desta ambiguidade quanto à terminologia dessas palavras.

Havendo este primeiro contato com o conteúdo lutas, anteriormente trabalhado, usou-se dos jogos de oposição para que os alunos pudessem, assim, ter um contato com vivências corporais concretas. As lutas têm diferentes classificações. Gomes (2008, p. 47), classifica em relação as distâncias:

- Curta – “[...] possui um espaço praticamente nulo entre os oponentes [...] para a realização das técnicas [...]”;

- Média – “[...] seria um espaço moderado que permite a aproximação em situações de ataque entre os oponentes [...]”;
- Longa distância – “[...] definida pela presença de um implemento, deve haver uma distância maior entre os oponentes para que os mesmos possam manipular de forma adequada esse implemento [...]”.

Usando como subsídio esta classificação, usou-se dos jogos pré-desportivos que envolvem cada modalidade de luta.

No que se diz respeito às vivências corporais foram desenvolvidos os seguintes jogos: “Arranca fita”, classificado como luta de média distância ou luta com golpe; “Mini-sumô”, classificado como luta de curta distância ou luta com agarre, e a “Esgrima”, luta de longa distância ou luta com implemento. Seguindo nesta mesma linha metodológica, ressalta-se a fase de inclusão do aspecto da interação social, que desenvolve a competência social na abordagem crítico-emancipatória. Neste sentido, o professor deve trabalhar de forma crítica, sempre intermediando o coletivismo dos alunos, onde devem superar os problemas e conflitos do contexto em que estão inseridos, contribuindo para um agir solidário e cooperativo nas relações entre colegas e professores (KUNZ, 2001). Esta competência proporciona ao aluno ter uma visão crítico-reflexiva referente às suas condutas para além do ambiente escolar e, com isso, os conhecimentos adquiridos podem ser transcendidos pelo próprio aluno no meio social em que está inserido.

A partir das vivências proporcionadas, oportunizou-se aos alunos por meio do movimento de cada atividade, desenvolver e aliar a suas percepções sobre os movimentos realizados. No momento das atividades conseguiram distinguir que modalidade esportiva estava sendo vivenciada naquele momento, logo, a partir das ações durante o jogo e experiências anteriores eles conseguiram dar significados aquelas práticas, desenvolvendo suas capacidades de resolver conflitos e obstáculos que o jogo proporcionava.

5.2.3 (Res)significando a prática – os alunos como autores de suas próprias vivências

Seguindo a perspectiva da abordagem crítico emancipatória, Elenor Kunz elenca como a terceira etapa do processo metodológico, a linguagem. Esta desenvolve a competência comunicativa. Segundo Kunz (2001) a competência comunicativa objetiva que os alunos devem ser capazes de interpretar e criticar a realidade na sua relação com os esportes e práticas corporais pré-desportivas, comunicando-se e entendendo os outros indivíduos. Deste modo, se entende que a linguagem no esporte e no movimento humano vai além do fator de só

movimentar dos participantes, mas sim, falar sobre experiências, vivências e entendimentos da realidade dos esportes por meio das manifestações corporais ofertadas. Com isso, um aluno que passa por esta experiência concretamente é capaz de transformar suas vivências corporais passadas em novas experiências, críticas e de caráter emancipatório.

Para que este evento fosse concretizado de forma subsidiada por esta competência, juntamente com os alunos foi proposta a realização de entrevistas com os funcionários da instituição escolar, acerca de suas percepções sobre o conteúdo lutas serem trabalhados na escola e seu entendimento quanto a terminologia das palavras luta e violência. Foram elencadas as seguintes perguntas para roteiro da entrevista. “Qual a sua opinião em relação ao ensino de luta nas aulas de educação física na escola?”; “Luta tem relação com violência? Por quê?”.

Ao referir-se a tal assunto, Franco (2005, p. 15) diz que, dentro da pesquisa ação existem processos pedagógicos intermediários, um destes processos se mostra por meio da “produção de conhecimento e socialização dos saberes”. Neste sentido os alunos em duplas saíram a campo para realização das entrevistas. Ao voltar para a sala, organizou-se um momento para discussão acerca das entrevistas realizadas. Os alunos apresentaram as respostas colhidas nas entrevistas e discutiram em sala. Grande parte dos funcionários entrevistados viam como benéfico para formação dos educandos o conteúdo lutas estar presente nas aulas de educação física e tinham uma percepção de que luta e violência eram haveres distintos. Porém, houve entrevistados que discordaram da ideia e tinham uma visão que lutas e violência eram uma coisa só, e o ensino do conteúdo lutas não era vista de forma que favorecesse a formação dos alunos. Partindo da problematização das duas vertentes de pensamentos, dentro da aula abriu-se uma discussão acerca destes pensamentos dos funcionários. Neste momento os alunos discordaram da segunda linha de pensamento apresentada e, como subsídios, usavam exemplos das aulas anteriores para tomarem como referência que a luta tem suas singularidades e dentro destas não cabe a junção à violência, sendo um conteúdo que oportuniza vivências corporais que nunca tinham sido proporcionadas naquele meio. Logo, viam que esse tipo de pensamento era equivocado, tendo, assim, uma visão crítica sobre as respostas e, com isso, trazendo suas auto percepções acerca das questões levantadas, ressignificando os saberes do seu próprio espaço.

A competência comunicativa busca intermediar, mostrar e ensinar os valores sociais aos alunos, os possibilitando analisar determinada situação por vários ângulos, por visões diferentes de um mesmo assunto e fazendo com que não sejam meros objetos de uma ação. É necessário que os alunos possam se tornar sujeitos dessas ações, propondo-se a não analisar os momentos apenas como algo subjetivo, o aluno deve ser ensinado e emancipado verbal e corporalmente (KUNZ, 2001).

Para o desfecho deste bloco de oito aulas interventivas, juntamente com os alunos, foi realizado um festival de lutas, através dos jogos de oposição, vivenciando, destarte, o que foi discutido e problematizado nas aulas anteriores. Os alunos fizeram parte desse planejamento, avaliando as aulas de lutas, fazendo questionamentos pertinentes aos conteúdos e à forma que eles foram trabalhados e, partindo desta discussão, foi realizada a seleção das atividades a serem executadas no festival. Os próprios alunos criaram atividades para ocasião, aliando-as com as atividades elencadas pelo professor estagiário. O festival ocorreu na quadra poliesportiva da escola, sendo realizados oito jogos de oposição, a saber:

- Pega grampo;
- Luta do Jacaré;
- Mini-Sumô;
- Tomar a bola do adversário;
- Pega a fita;
- Queda de braço;
- Cabo de guerra;
- Puxa-puxa.

O último jogo citado foi criado pelos próprios alunos, eles conseguiram absorver as vivências das aulas anteriores e (res)significaram em novas experiências corporais. O festival contemplou a participação de todos os alunos. Diante disto, evidencia-se que o brincar é um direito e uma necessidade que não pode ser negligenciada e tampouco subtraída. Por sua vez, deve ser vivenciado de forma livre e espontânea, com isso, uma vez brincando e se movimentando, a criança tende a ter um diálogo constante com o mundo e vai se apropriando de sua realidade, desta forma, abrindo um leque de vivências e formas de aprendizagem (KUNZ, 2015). Ao final da culminância, todos os alunos foram premiados igualmente através de medalhas. Ademais, houve uma confraternização por meio da realização de um *Coffee Break*, com os alunos e funcionários da escola.

A partir dos relatos anteriormente expostos, foi percebido que desde o primeiro contato dos alunos com o conteúdo proposto, até o momento de culminância do festival, houve de forma concreta o entendimento dos alunos acerca do conteúdo de lutas, em relação às suas diversidades históricas, das normas e valores que este conteúdo tem de enriquecedor para o desenvolvimento dos indivíduos que por eles são subsidiados. Os alunos de acordo com a evolução das aulas, passaram a diferenciar as terminologias das palavras luta e violência de acordo com seus significados, mostrando, assim, o quanto a abordagem proposta para realização das atividades é capaz de transformar o indivíduo em um ser crítico-reflexivo e emancipado.

6 CONCLUSÕES

Para tanto, entendemos que é possível trabalhar o conteúdo lutas através do subsídio da abordagem crítico-emancipatória dentro das aulas de educação física. Embora este tema segundo a literatura ainda venha sendo pouco explorado no ambiente escolar, durante a intervenção mostrou-se um grande ator pedagógico no meio em questão, em conjunto da abordagem metodológica. Juntos foram capazes de res(significar) as manifestações corporais do lócus em questão.

O desenvolvimento desta intervenção nos proporcionou inúmeras aprendizagens acerca de nossas ações docentes. No que diz respeito aos conhecimentos adquiridos pelos alunos, podemos reiterar que, a partir dos registros e avaliações, foi percebido que os educandos compreenderam a diferença entre luta e violência e, para isso, o aporte teórico-metodológico subsidiador das práticas foi de grande importância para experimentação de vivências corporais concretas, objetivando a reconstrução de conhecimento por meio do movimento.

É de grande relevância ressaltar que o primeiro contato com o conteúdo lutas no ambiente escolar, não requer necessariamente alguém graduado em alguma modalidade de luta, arte marcial ou que tenha uma vasta experiência no ramo para abordar a temática na sala de aula e atingir os objetivos aspirados. Enquanto profissionais em formação, a experiência foi fundamental, pois a partir deste cenário já pôde-se ter um vislumbre de como é ser um professor de educação física, ou seja, compreendendo as dificuldades e limitações, refletindo sob a prática profissional e se reinventando com o objetivo de se tornar um profissional apto para os desafios advindos do espaço escolar em geral.

Imperioso grifar ainda que se a escola se propuser a abrir espaços para a socialização, autonomia e interação dos conteúdos de educação física, a fim de não formar atletas, mas sim cidadãos críticos acerca de suas práticas, abrirá um grande leque para formação do sujeito, onde as manifestações corporais adquiridas em sua maior potencialidade se demonstrariam um precioso instrumento de aprendizagem.

Concluimos que o conteúdo lutas subsidiado pela abordagem crítico-emancipatória por meio dos jogos de oposição, é capaz de promover mudanças, e não retratar apenas uma mera reprodução de movimentos sem fins educativos. O conteúdo que antes era visto como ferramenta de generalização da violência, pôde abrir espaços para a socialização, autonomia, interação dos alunos e respeito. Portanto, as vivências contribuíram para o ambiente de aprendizagem formativo do sujeito, no qual o conteúdo lutas passou a ser um instrumento de emancipação dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ALBINO, B. S. *et al.* Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus dilemas. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 11, n. 2, mai./ago. 2008
- BOMFIM, D. L. *et al.* Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 302-317, abr./jun., 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANDREVA, T. *et al.* A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr., 2009.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro, v. 16 n. 1 p. 01-09, jan./mar. 2010.
- COSTA, B. L. Agressividade de crianças inseridas no projeto nadar, de acordo com gênero, raça, atividades em tempo livre e comportamento dos pais. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 16, n. 4, p. 956-1270, out./dez. 2013.
- DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- DIAS, K. P. **Educação física x violência**. Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. Campinas, SP: UEC, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- _____. **Brincar & se-movimentar: tempos e espaços na vida da criança**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 136.

- LEVANDOSKY, G.; CARDOSO, F. L. Percepção docente sobre as relações de agressividade, o lúdico e o “bullying” na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-13, mai./ago., 2010.
- LIVILOSO, H.; M, D. L. A violência ritual nas aulas de educação física. **Journal of Physical Education**. Maringá, v. 28, n. 1, 2017.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARRIEL, L. C. *et al.* Violência Escolar e Auto – Estima de Adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr., 2006.
- MINAYO, M. C. S. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-18, 1994.
- MUSSEN, P. H. *et al.* **Desenvolvimento e personalidade da criança**. 7. ed. Tradução de Maria Lúcia G. Leite Rosa. São Paulo: Harbra Ltda, Tradução de: *Child Development & Personality, 7th edition*.
- NATIVIDADE, M. R.; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, v. 1, n. 1, jan./jun. p. 9-18, 2008.
- OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial da Saúde: trabalhando juntos pela saúde**. Genebra: OMS. Trad. Brasília, Ministério da Saúde, 2007.
- (ORG.), Maura Regina Modena. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, Rs: Educs, 2016.
- PRODÓCIMO, E. *et al.* Adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. **Revista Interações**, Portugal, v. 25, p. 202-225, 2013.
- RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá, n. 04, p. 129-148, mai., 2008.
- RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, J. Q., (Orgs). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, p. 65-93.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./ jun. 2012.
- _____, L. G. B. Fundamentos Das Lutas e o Processo de Inclusão: Perspectivas Pedagógicas na Diversidade Educativa Contemporânea. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 10, n. 63, p. 919- 920, 2016.

SANTOS, S. L. C. **Jogos de Oposição: ensino das lutas na escola.** São Paulo: Phorte, 2012.

SANTOS, J. P. P.; OLIVEIRA, S. A.; CÂNDIDO, I. C. As lutas como conteúdo em Educação Física escolar por parte dos professores da rede municipal de ensino de Paranavaí, Paraná. *Educación Física y Deportes*, n. 162, nov. 2011.

SCHERIBER, M. D.; SCOPEL, E. J.; ANDEADE, A. A abordagem holística no contexto da agressividade de crianças em educação física. *Educación Física y Deportes*, v. 86, 2005.

TOCANTINS. Secretaria da Educação, Juventude Esportes. **Evidências das ações do projeto político pedagógico 2018.** Tocantins. 2018.

SILVA, J. V. P. Espaços para o jogo no recreio escolar e a ocorrência de lutas a “brincar”. *Licere*. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, ago. 2008.

SILVA, S. A. P. S. A pesquisa qualitativa em educação física. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87-98, 1996.

SOUZA, G. A. N.; ARAÚJO, P. Lazer para que te quero ver: desarmando violências, cultivando vidas e transformando o social. *Licere*, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, set. 2009.

TEIXEIRA, E. B. A Análise de Dados na Pesquisa Científica. **Desenvolvimento em Questão**. Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2. jul./dez. p. 177-201, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 14. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

UENO, V. L. F.; SOUSA, M. F. Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 4. out./dez. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT do Gestor escolar.

Convidamos o(a) Sr(a) a participar da pesquisa: “UMA LEITURA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação”, de responsabilidade do pesquisador Sorlei Silva e Silva sob Orientação do Professor Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, a qual pretende problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de sua contribuição para realização de uma entrevista semiestruturada. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

Se você aceitar participar, obterá os seguintes benefícios: o possibilitará contribuir para compreensão das manifestações violentas na escola e com a criação de novas práticas pedagógicas interventivas, além de que esta pesquisa implica em benefícios para toda a comunidade acadêmica.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem ser em decorrência de sentir-se desconfortável durante a entrevista, o qual será grava e transcrevida, caso imprevistos aconteçam, as medidas necessárias para a reparação de danos serão tomadas. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, além disso, é garantido o recebimento dos resultados individuais no final da pesquisa. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Av. Cruzeiro do Sul Nº 119, ou pelo telefone (55 63 9 9913-1543). Em caso de dúvidas ou desavença com o pesquisador o(a) Sr (a) pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP-UFT: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor

Norte, *Campus* Universitário de Palmas, Prédio do Almojarifado, CEP: 77.001-090 em Palmas TO), telefone 63 3232-8023, de segunda a sexta-feira no horário comercial (exceto feriados).

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da entrevista semiestruturada, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à participação na pesquisa devem ser comunicadas por escrito à Secretaria do CEP/UFT, desde que os reclamantes se identifiquem, sendo que o seu nome será mantido em anonimato.

Tocantinópolis, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT do responsável do menor de Idade.

Convidamos o(a) Sr(a) a participar da Pesquisa: “UMA LEITURA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação”, de responsabilidade do pesquisador Sorlei Silva e Silva sob Orientação do Professor Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, a qual pretende problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de conceder permissão para que seu filho (a) participe das atividades realizadas durante a intervenção da pesquisa. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

Se você aceitar participar, obterá os seguintes benefícios: possibilitará seu filho (a) a vivenciar atividades de jogos de oposição, possibilitando seu desenvolvimento em habilidades motoras e participar de atividades emancipadoras que lhe darão a oportunidade de problematizar as questões sociais que ocorrem a sua volta, além de que esta pesquisa implica em benefícios para toda a comunidade escolar.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de seu filho (a) se machucar acidentalmente durante as atividades ou se sentir constrangido a participar efetivamente dos momentos de socialização, caso algum desses imprevistos aconteçam, as medidas necessárias para a reparação de danos serão tomadas. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, além disso, é garantido o recebimento dos resultados individuais de seu filho (a) no final da pesquisa. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Av. Cruzeiro do Sul Nº 119, ou pelo telefone (55 63 9 9913-1543). Em caso de dúvidas ou desavença com o pesquisador

o(a) Sr (a) pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP-UFT: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte, *Campus* Universitário de Palmas, Prédio do Almoarifado, CEP: 77.001-090 em Palmas TO), telefone 63 3232-8023, de segunda a sexta-feira no horário comercial (exceto feriados).

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à participação na pesquisa devem ser comunicadas por escrito à Secretaria do CEP/UFT, desde que os reclamantes se identifiquem, sendo que o seu nome será mantido em anonimato.

Tocantinópolis _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE C - Termo de Assentimento do Menor de Idade

Título do projeto: UMA LEITURA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação

Pesquisador responsável: Sorlei Silva e Silva

Instituição: Universidade Federal do Tocantins - UFT

Telefone celular da pesquisadora para contato (inclusive a cobrar): (63) 9 9913-1543

Prezado (a) aluno (a), você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de um estudo que tem como objetivo problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO. Este estudo está associado às atividades de escrita do TCC da graduação de Educação Física pela acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Sorlei Silva e Silva. A direção de sua escola está ciente e permitiu a realização das intervenções a serem feitas durante a pesquisa. A realização do estudo é importante pois por meio deste você poderá agregar conhecimento, gerando a possibilidade de abordar esse conteúdo como alternativa pedagógica na escola, desta forma você reconhecerá o acervo das práticas das lutas por meio dos jogos de oposição, logo disporá de novos horizontes de aprendizagem. O estudo será orientado pelo Professor Dr. Mayrhone José Abrantes Farias, professor do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins *Campus* Tocantinópolis, e as atividades serão conduzidas pelo acadêmico Sorlei Silva e Silva. Sua participação no estudo será de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a realização da pesquisa.

Seu nome, assim como de suas colegas que também participarem do estudo, não será identificado em nenhum momento, sendo garantido o sigilo. O material coletado da pesquisa ficará disponível para sua consulta e de seus pais ou responsáveis em qualquer momento, sendo guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores. A participação na pesquisa não acarretará em nenhum custo financeiro a você ou aos seus pais ou responsáveis. Também não haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à sua participação. Caso haja qualquer despesa adicional ela será de responsabilidade dos pesquisadores. Havendo qualquer dúvida você ou seus pais ou responsáveis poderão realizar uma ligação a cobrar para o acadêmico Sorlei Silva e Silva (55 63 9 9913-1543) ou diretamente para o comitê de ética da UFT (55 63

3232-8023), de segunda a sexta-feira no horário comercial (exceto feriados). Este termo será redigido em duas vias, ficando uma cópia com você e outra com o pesquisador. Após a finalização do estudo a pesquisadora entregará para todos os alunos que participaram da pesquisa. Além disto, também será entregue um relatório à direção de sua escola contendo as principais informações do estudo. Estas informações poderão auxiliar a verificar a as possibilidades didático-pedagógica dos Jogos e Brincadeiras tradicionais. O Pesquisador ficará à disposição para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Diante do que foi exposto, solicito que você participe da pesquisa “UMA LEITURA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação”, assinando este termo.

Nome completo do (a) aluno(a)

Assinatura do(a) aluno(a)

Nome do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Tocantinópolis, ____ de _____ de 20____.

APÊNDICE D - Carta de Anuência

(Elaborada de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Aceito o pesquisador Sorlei Silva e Silva, pertencente ao curso de Licenciatura em Educação Física /UFT a desenvolver a pesquisa intitulada “UMA LEITURA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: as lutas e os jogos de oposição como forma de (res)significação”, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, de responsabilidade do pesquisador Sorlei Silva e Silva sob Orientação do Professor Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, a qual pretende problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição, com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino de tempo integral situada na cidade de Tocantinópolis – TO.

A pesquisa consiste ainda, no Trabalho de Conclusão de Curso do aluno citado que seguirá todos os trâmites éticos e metodológicos inerentes.

Cientes dos objetivos, técnicas e métodos que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, e concedo a anuência desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Tocantinópolis, _____ de _____ de 20____.

Diretor (a) /Responsável pela Instituição